

Interseções

REVISTA DE ESTUDOS INTERDISCIPLINARES

ISSN 2317-1456 / v. 25. n. 2 / 2023 / <https://www.e-publicacoes.uerj.br/intersecoes>

A psicopolítica em Byung-Chul Han: introdução para a crítica das novas tecnologias-inovações de poder

DOI: 10.12957/irei.2023.75017

Moisés dos Santos Viana¹

Resumo

Este trabalho visa apresentar o pensamento de Byung-Chul Han, especificamente o conceito de psicopolítica, a partir da leitura dos livros “A Sociedade do Cansaço” (2015); “Sociedade da Transparência” (2017); “No enxame: Perspectivas do digital” (2018c); “Psicopolítica” (2018a), com a perspectiva de relacionar a atualidade das condições de produção de tecnologia e ciência com a noção de política/poder. A análise dessas relações é feita a partir de mapas conceituais (autores, filosofia e conceitos) e indica a possibilidade de elaboração de um instrumental (método-ação) que pode se transformar em chaves para a compreensão do mundo das tecnologias e inovações.

Palavras-chave

Byung-Chul Han; big data; psicopoder; psicopolítica.

Psychopolitics in Byung-Chul Han: an introduction to a critique of new technologies-innovations of power

Abstract

This paper aims to present Byung-Chul Han's thinking, specifically the concept of Psychopolitics, from the reading of the books, "The Burnout Society" (2015); "The Transparency Society" (2017); "In the Swarm: Digital Prospects" (2018c); "Psychopolitics" (2018a), with the perspective of relating the current conditions of production of technology and science to the notion of politics/power. The analysis of these relations is made based on conceptual maps (authors, philosophy and concepts), indicating the possibility of elaborating an instrument (method-action) that could become a key to understanding the world of technologies and innovations.

Keywords

Byung-Chul Han; Big Data; Psychopower; Psychopolitics.

¹ Docente do Departamento de Educação da Universidade do Estado da Bahia, doutorando do DMMDC/UFBA. <https://orcid.org/0000-0001-9048-9097>. E-mail: mviana@uneb.br.

“Não há mais contra quem direcionar a revolução, a repressão não vem mais dos outros.”

(Han, 2018b, p.[--])

Introdução

A obra de Byung-Chul Han² está, aos poucos, inserindo-se na cena acadêmica do Brasil nos últimos 05 anos, principalmente pela tradução e publicação da Editora Vozes de algumas obras do filósofo: “A Sociedade do Cansaço” (2015); “Sociedade da Transparência” (2017) e “No enxame: Perspectivas do digital” (2018c). O que nos chama a atenção é a atualidade da prosa do autor, que mescla conceitos como *algoritmos*, *big data*, *empreendedorismo*, *neoliberalismo* e *psicopoder*. Ele discute a contemporaneidade, fazendo uma revisão de outros filósofos, trazendo à sua obra uma complexidade desafiadora em linguagem acessível.

No seu livro “*Psicopolítica - o neoliberalismo e as novas técnicas de poder*” (2018a), publicado no Brasil pela editora Âyiné, Han destaca as relações entre tecnologia, inovações e política, a partir do conceito de “*psicopolítica*” e “*alienação de si mesmo*”. Ou seja, ele apresenta as formas de desenvolvimento das tecnologias de informação na atual conjuntura, observando as relações de poder e a questão do domínio, da obediência e do interesse privado.

Neste caso, pode-se levar em conta as relações autênticas de dominação em que o Estado, os indivíduos, a sociedade, as tecnologias e a inovação se relacionam e marcam a contemporaneidade de uma forma sinistra e obscura, impedindo avanços humanísticos. “Não há mais contra quem direcionar a revolução, a repressão não vem mais dos outros” (Han, 2018b). Em outras palavras, o que há é um conjunto de mecanismos de domínio que perpassa por artefatos conectados em uma lógica cada vez mais sedutora, baseada no neoliberalismo, na digitalização social e em um ativismo de produtividade, pressionando os indivíduos de forma doentia. “Vive-se com a angústia de não estar fazendo tudo o que poderia ser feito” (Han, 2018b). “Hoje a pessoa explora a si mesma achando que está se realizando; é a lógica traiçoeira do neoliberalismo que culmina na síndrome de *burnout*” (Han, 2018b). Todo esse poder se faz presente de forma sutil e difusa e não mais se apresenta visível e ostensivo como pregavam antigos regimes.

O poder, neste caso, é entendido como um conjunto de crenças na legitimidade em que se relaciona dominador e dominado, um domínio. Podemos observar a obediência como um exercício no processo do chamado Estado moderno, envolvendo as tipologias do poder em seu exercício: relações de tradição, carisma e racionalidade³ (Weber, 2000).

² Nascido em 1959 em Seul, Han decidiu ir à Alemanha após abandonar seus estudos de metalurgia. Em 1994 doutorou-se pela Universidade de Munique com uma tese sobre Heidegger. É professor de Filosofia e Estudos Culturais na Universidade de Berlim.

³ A racionalidade como dominação leva a uma obediência impessoal, tida como objetiva, constituída em normas e leis, em uma legalidade burocrática. Na dominação tradicional, as relações se fazem em uma norma simbólica transmitida em uma série de protocolos e liturgias, passada de uma geração a outra em um processo em que se destacam as virtudes morais e hábitos costumeiros. No caso da dominação

O domínio é um constructo a partir de uma política simbolicamente construída. Para Foucault (2003), por exemplo, o poder carece de uma ordem do discurso, porque o simbólico é feito no âmbito dos corpos normatizados, ou seja, dominar-normatizar é uma ação típica do exercício das instâncias do poder.

Assim, este trabalho tem o objetivo de apresentar uma introdução ao pensamento de Byung-Chul Han, em específico ao conceito de *psicopolítica*, a partir da leitura de quatro livros do filósofo, com a perspectiva de relacionar a atualidade das condições de produção de tecnologia e ciência à noção de política-poder. Observa-se que seguimos um estilo ensaístico que nos permite uma liberdade de análise, levando em conta o exercício que nos desafia em conectar ideias e mapear conceitos. Para tanto, buscamos ilustrar nossa tarefa fazendo relações a partir de mapas mentais e conceituais: autores, filosofias e conceitos, apontando chaves de leitura instrumental que possam nos munir e orientar na compreensão do nosso contemporâneo.

Tecnologias de Poder

Como salienta o filósofo Michel Foucault (2003, p. 37): “[...] ninguém entrará na ordem do discurso se não satisfizer a certas exigências ou se não for, de início, qualificado para fazê-lo”. A competência do discurso é restringida pelo poder e na “sociedade de discurso” há restritivos eficientes: “[...] cuja função é conservar ou produzir discursos, mas para fazê-los somente segundo regras estritas, sem que seus detentores sejam despossuídos por essa distribuição” (Foucault, 2003, p. 39). O discurso é posto de forma a criar normas restritas em valor de verdade e poder tecnológico. Cria-se um processo transparente e lógico. Essa realidade da transparência como metodologia se torna no processo de uma lógica e ética-social, padronizada em elementos de transformação e ação social. Claro que isso se forma não apenas nas relações humanas, mas na camada de perpetuação do poder envolvendo diversos agentes, tais como instituições públicas e privadas.

A gestão social a partir da lógica de uma tecnologia de vigilância furtiva vai ser promovida como resultado da utilização de dados coletados sobre os indivíduos, na sua comunicação e nas formas de pensar o mundo, ou seja, na própria formação de uma sociedade *dataísta*⁴. Assim, permite-se a ilusão de um antropocentrismo, mas sob um domínio e gestão algorítmica. Por exemplo, temos o uso da tecnologia de reconhecimento facial na China, como exemplo dado pelo autor:

carismática: destaca as relações das virtudes de um carisma pessoal, em um demiurgo, uma revelação, uma ação heroica que gera uma atividade carismática.

⁴ *Dataísta*, *dataísmo*, *datificação* são termos que estão no bojo dos conhecimentos estabelecidos pelas tecnologias da informação como elementos relacionados a produção, tratamento e interpretação dos dados de um determinado sistema cibernéticos, para além disso diz respeito a qualquer produção de dados digitais no universo social pelas máquinas através da interação humano-máquina ou máquina-máquina. Na crítica estabelecida por Han, em suas obras, o conceito se torna um lógica para produção, gestão e difusão do conhecimento. Além do mais, seria uma lógica que determina as relações sociais estabelecidas e medidas pelos processos de poder estabelecidos pela *psicopolítica*.

Os macrodados tornam supérfluo o pensamento porque se tudo é quantificável, tudo é igual... Estamos em pleno dataísmo: o homem não é mais soberano de si mesmo, mas resultado de uma operação algorítmica que o domina sem que ele perceba; vemos isso na China com a concessão de vistos segundo os dados geridos pelo Estado ou na técnica do reconhecimento facial. (Han, 2018b, p. [--]).

Além disso, temos as gestões dos grandes conglomerados e plataformas digitais que captam dados sutilmente por *clicks* dados em serviços supostamente gratuitos de aplicativos nos dispositivos móveis. A *psicopolítica* se desenvolve a partir de uma mística da transparência dos processos políticos mediados pelos *big data*⁵, pela servidão voluntária e pela perspectiva de poder consumir. Essas características são parte da gestão neoliberal que prega a liberdade de concorrência e disputas individuais como instâncias sociais.

Essa gestão neoliberal atua silenciosamente e nos promete um admirável mundo novo, porque opera indicando “o dever” como um limite predicativo que se dilata à medida que se caracteriza como liberdade de consumo. Ora, a liberdade aqui é explorada pelo poder silencioso, ubíquo e transparente das tecnologias operantes em prol do regime neoliberal, extremamente marcante porque é explorador.

Tal exploração, porém, não acontece sob um regime de vigilância externa. O vigiar é furtivo, pois cria mecanismos de uma mística e apodera-se do *psiquê*, da culpa e das frustrações para criar o discurso empreendedor. A culpa é do indivíduo por não ser rico, não ser poderoso e não ser bem-sucedido: “Diante de Deus estamos sempre em dívida. Somos sempre culpados” (Han, 2018a, p.17). Com essa culpa ampliam-se os abismos do conhecimento em uma era de *psicopolítica* digital, instrumentalizada pelos *big data* oniscientes que geram informações sobre as pessoas, podendo ser previamente descritas em dados e direcionadas (político e psicologicamente). Nesse caso, então, a penalidade do fracasso e as novas metas de sucesso se tornam os algozes da multidão de culpados⁶, vítimas do desemprego estrutural, da ausência de solidariedade e privados da infraestrutura mínima de seguridade social.

A dominação dessa *psicopolítica* é calculada a partir das informações dadas para os processos de submissão e dependência tecnológica, formando um conjunto de ações inteligentes e eficientes que conduzem a essa culpa individual. Emerge dessa complexidade de dados, transformada em política social, uma servidão voluntária e

⁵ “[...] estes novos dispositivos permitem reduzir o investimento de controle no indivíduo médio ou normal, como se valoriza na tradicional normatização social, propiciando uma ação sobre os processos e o meio ambiente. Pode-se acessar a ‘realidade’ de um território, grupo, instituição, mercado, país em micropartes de segundos. Dito de outra forma, apreende-se a realidade de modo imediato e imanente. As informações viriam ao mesmo passo em que são produzidas e, sequencialmente e de modo quase instantâneo, se tornariam funções de governo. As relações entre a entrada e a saída das informações seriam o próprio processo político em andamento.” (Teles, 2018, p.434).

⁶ “Este volume astronômico de dados, todos eletronicamente armazenados e acessíveis de qualquer lugar e a qualquer momento - óbvio que não por qualquer pessoa ou sistema de coleta de dados -, podem ser inseridos por indivíduos voluntariamente, ou em resposta a alguma demanda, cedidos ou simplesmente abandonados. De fato, são mais dados ‘deixados’ do que ‘transmitidos’. Ainda assim, não aparecem como subtraídos sem autorização, pois aparentam estarem dispersos e em lugares quaisquer.” (Teles, 2018, p. 435).

pacífica, dependente da lógica do lucro, que plasma no *psiquê* seus mecanismos sombrios de exploração. A noção que se tem aqui é de um poder positivo, benemérito com os corpos e menos agressivo, às vezes tido como salutar, sem repressão, pois promove uma liberdade individual. É um poder afável, por vezes empoderador, a partir dos *big data* que conduzem para uma radiografia dos indivíduos-servos. Não se trata mais de um panóptico tradicional, pois não silencia, permite que fale. Cria-se uma ambiência de possibilidades para o mercado em estatísticas, proporcionando o desenvolvimento instrumental das comunicações individualmente direcionadas e lucrativas. Ou seja, trata-se de substituição de uma lógica do biopoder de ordem e do discurso normativo (corpos disciplinados ligados à rede de produção industrial da economia real e das demografias controladoras)⁷ para uma autogestão que cria relações das bases de *datamining*⁸.

Não se tem uma normatização dos corpos. Por exemplo, as políticas dos corpos não se direcionam para a produção intelectual científica que parece tomar um arranjo outro a partir das metas e controles psicológicos: “O disciplinamento corporal dá lugar à otimização mental” (Han, 2018a, p. 40). As técnicas psicológicas e as fórmulas de relação de comunicação orientam para uma *psicopolítica* positivamente marcada para a realização de um controle interno, uma autocobrança, uma vigilância intrínseca e, por fim, adoecedora. Essas técnicas de domínio voluntário são mediadas pela relação mercado, que são identificadas pelo empreendedor ou o “sujeito liberal de desempenho” (Han, 2018a, p. 44), porque ele age por si, é dominado e direcionado para metas de produção inalcançáveis, formando uma tirania interpretada como liberdade e desestruturação das responsabilidades do Estado em referência à promoção das ciências e tecnologias como direito público. As metas neste caso se comportam nas bases do neoliberalismo econômico, semelhante às metas espaciais de empresas.

A naturalização da lógica de vigilância permite o surgimento do perfil traçado, a partir das governabilidades algorítmicas refletidas por Teles (2008)⁹ e abordadas por

⁷ “Para transformar dados em práticas de governo, acionam-se os *datamining*. Como em um espremedor de frutas, extraem-se dados em situação bruta a seiva que interessam a determinada modelagem de comportamentos. Das massivas acumulações de dados começam a emergir saberes estatísticos oriundos das correlações de informações não selecionadas, não classificadas e não hierarquizadas, altamente heterogêneas. Com o máximo de automação, reduzindo a intervenção humana e dispensando o uso de hipóteses ou convenções prévias, esquiva-se das subjetividades e das normas discursivas.” (Teles, 2018, p. 434).

⁸ “Já nos *Big Data*, não há hipóteses prévias, pois se procura diretamente na correlação dos dados a expressão dos fenômenos. As relações estatísticas dos *datamining* esquivam-se das normas sociais de seleção, classificação e hierarquização dos dados, transitando diretamente entre o real das informações e a operação destas via seus elementos técnicos e tecnológicos. A realidade ganha uma aparência de esfera pública, porém controlada por interesses particulares e com governos e empresas coletando quantidades massivas de dados não classificados.” (Teles, 2018, p. 435).

⁹ “Os indivíduos, ao fazerem uso de serviço de cartões, celulares, ou de qualquer dispositivo conectado aos *Big Data*, imaginam seus perfis nas estruturas de informações a partir de uma individualidade. Contudo, há uma profícua organização de saberes a partir da formação de perfis que, apesar de não serem perceptíveis aos indivíduos ou ao público, tornaram-se a base da política maquínica. O perfil reúne traços deixados pelos indivíduos, mas não se configura como a expressão do “quem” é o indivíduo. Caracteriza-se mais por padrões de individualidades, categorizando costumes, hábitos, respostas-reflexo, ideologias, afetos e comportamentos psíquicos.” (Teles, 2018, p. 443).

Han (2018a), no sentido de que o corpo é alterado por instrumentos que marcam o desempenho, a eficiência e o talento. Ele é tão invasivo que consegue medir as batidas cardíacas, quantificar as atividades e metrificar as taxas corporais. Todas essas informações são enviadas aos *big data* por uma *quantifield self*.

Assim, o talento dos corpos é traçado e desenhado por meio de registros de dados nos artefatos e tecnologias *smart*, como *Smart Touch* e outros. O autoconhecimento é traduzido em uma linguagem maquínica, um conhecimento do corpo artificial *datificado*. Gera-se o conhecimento de si totalmente mediado por análises de inteligência artificial e analistas para o mercado dos cursos e treinos, para a indústria farmacêutica e as políticas de controle: “Os dados coletados também são publicados e tocados. Assim, o automonitoramento se assemelha cada vez mais à autovigilância. O sujeito contemporâneo é um empreendedor de si próprio” (Han, 2018, p.85). Uma lógica em que o indivíduo mesmo é carrasco e vítima, sob uma vigilância e autocobrança que compõem um panóptico mediado por aparelhos de monitoramento corporal. Esse corpo *datificado* é memorizado porque os *big data* não esquecem nada. Há aí uma *psicopolítica* dos dados, adaptando discursos conduzindo eleições, relacionando esquemas de políticas públicas e manipulando em prol de informações que brotam dos dados trabalhados e direcionados ao negócio do capital financeiro. No fim, todo esse monitoramento corporal é um negócio lucrativo.

O lucro pauta qualquer momento do conhecimento. O saber científico e as inovações passam a um patamar de adição e numeração preestabelecidos. Desde a medicina até as ciências sociais são afetadas por essa lógica de conhecer nesta memória digital como um oceano de informações em que convergem os rios dos saberes estabelecidos: “Os *big data* sugerem um conhecimento absoluto. Tudo é mensurável e quantificável” (Han, 2018a, p. 93). Nessa perspectiva, as antinomias do conhecimento se vão porque “Uma nova era de conhecimento é anunciada” (idem) para salvar os negócios. É um conhecimento universal que suprime as relações de vida. Porém é um conhecimento prévio, porque são dados analisados, óbvios e sem surpresa para as análises. A novidade está na execução, no processo de uso das informações. Seria o fim da teoria e das dúvidas investigativas das ciências¹⁰ ?

Assim, os *big data* se manifestam em uma perspectiva de realização de poder em uma ação de conhecimento-desenvolvimento: “A *psicopolítica* neoliberal é a técnica de dominação que estabiliza e mantém o sistema dominante através da programação e do

¹⁰ Este é um mundo em que grandes quantidades de dados e matemática aplicada substituem todas as outras ferramentas que possam ser utilizadas. Fora com toda teoria do comportamento humano, da linguística à sociologia. Esqueça taxonomia, ontologia e psicologia. O grande alvo aqui não é publicidade. É ciência. O método científico é construído em torno de hipóteses testáveis. Esses modelos, na maioria das vezes, são sistemas visualizados nas mentes dos cientistas. Os modelos são então testados, e experimentos confirmam ou falsificam modelos teóricos de como o mundo funciona. É assim que a ciência trabalha há centenas de anos. Mas, diante de dados massivos, essa abordagem da ciência - hipótese, modelo, teste - está se tornando obsoleta. Agora existe uma maneira melhor. *Petabytes* nos permitem dizer: "Correlação é suficiente". Podemos parar de procurar modelos. Podemos analisar os dados sem hipóteses sobre o que pode mostrar. Podemos jogar os números nos maiores aglomerados de computação que o mundo já viu e permitir que algoritmos estatísticos encontrem padrões onde a ciência não pode (Anderson, 2008, p. [--]).

controle psicológicos” (Han, 2018a, p. 107). Essa lógica social marca o início da *psicopolítica* como resposta às demandas da sociedade em rede. A teoria passa ser obsoleta, porque o *dataísmo* suplanta qualquer constructo teórico, prevê ações, decifra modelos e direciona comportamentos (Han, 2018c).

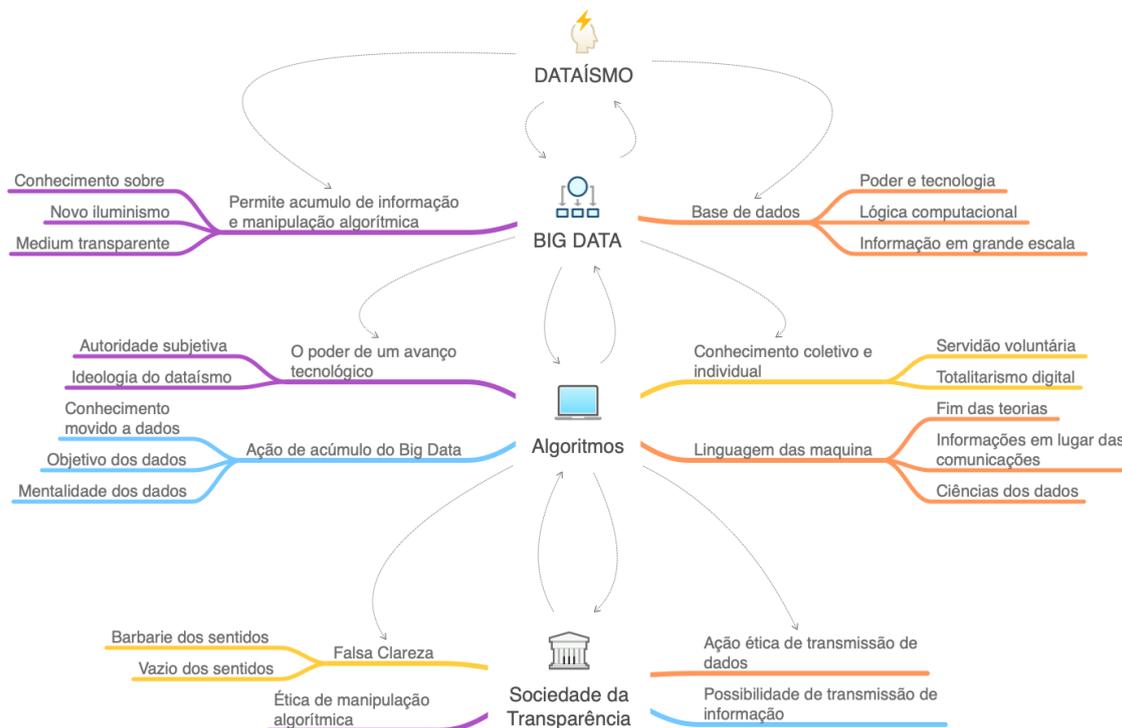
A atuação dessa vigilância não abre mão da punição. No entanto, são marcantes os estímulos em vez da falta. Nesses estímulos coercitivos da *psicopolítica* não há uma genuína disciplina ou punição como em outras lógicas descritas pelos filósofos. O que há é o agrado cada vez maior para o sucesso do desempenho em vez da punição e do controle externo da proibição. A atuação dessa *psicopolítica* é estimular positivamente dentro de uma política satisfatória e lucrativa em uma ambiência digitalizada e dentro de uma vigilância de futuro amável que permite uma liberdade de consumo: “O consumo não se reprime, só se maximiza” (Han, 2018b, p. 57). Por isso, na perspectiva da vigilância digital, ninguém se sente vigiado, mas coparticipante de redes positivas, em uma vigilância de si mesmo como em um jogo. O trabalho é um jogo, todos contra todos é um processo de *gamificação*. A vida social é uma diversão, a vigilância é divertida e lúdica, por vezes é comercial, pois, à medida que se joga, produz e comercializa, seduz e é vigiado, controlado e docilmente direcionado para uma perspectiva de capitalização do conhecimento e das práticas sociais.

Cada instante de trabalho é conduzido para um descanso que não existe. As horas de lazer são para produzir dados. Eles são coletados nos jogos que forçam o jogador a consumir, encerra-se a comunicação em um isolamento lúdico e cansativo e no esgotamento dos sentidos visuais com *likes*, em redes sociais, formados por iguais em bolhas de camaradas em busca de superar as metas de seguidores de aprovações.

Sem a presença do outro, a comunicação degenera em um intercâmbio de informação: as relações são substituídas pelas conexões, e assim só se conecta com o igual; a comunicação digital é somente visual, perdemos todos os sentidos; vivemos uma fase em que a comunicação está debilitada como nunca: a comunicação global e dos likes só tolera os mais iguais; o igual não dói! (Han, 2018b, p. [--]).

Ora, nessa relação global dos *likes* que se relacionam ao esforço de não ficar parado, porque é direcionado ao consumo, direcionado à compra e ao fetiche da mercadoria e do dinheiro, não é permitida a criatividade que não gere lucro. O ócio e a comunicação são mercantilizados e impossibilitados sem o capital. Cada instante de ócio não é para o lazer, se for, é para um lazer digital, para o público dos conglomerados de jogos on-line e da pornografia. Assim, tudo isso furta a liberdade e a complexidade dos corpos na medida que se tem uma ação narcísica que interrompe o imaginário e a experiência com o imaginário. Surge daí a noção de transparência total, com ausência do outro, o que significa o fim do desejo e o fim do olhar do mistério. Tudo é transparente em um brilhante espelho de informações que até cega quem olha demais. Os dispositivos móveis, por exemplo, são elementos desse espelho, seu fractal reflete a transparência dos dados e forma a imagem distorcida de Narciso que se mira sem relações, sem se reconhecer, ou seja, parece o fim das mediações.

Figura 1 - Estrutura do pensamento para crítica às novas tecnologias-inovações de poder



Fonte: Elaborada pelo autor.

Perspectivas de uma Crítica

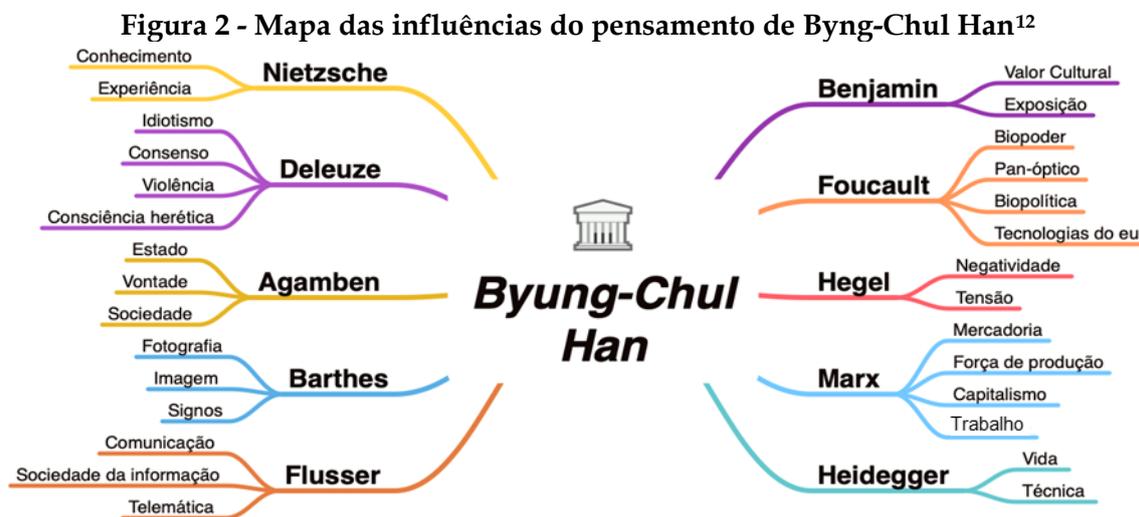
A obra de Byung-Chul Han tem diversidade basilar e se apresenta para refletir questões que emergem na contemporaneidade¹¹. Ao dialogar com Nietzsche e Marx, mestres da suspeita, bem com Foucault, Han parece lançar perguntas norteadoras diante do contexto do neoliberalismo com seus mecanismos de poder, sua aparente ubiquidade e suas ações políticas.

Por que o regime de dominação neoliberal é tão estável? Por que há tão pouca resistência? Por que toda resistência se desvanece tão rápido? Por que a revolução já não é mais possível apesar do crescente abismo entre ricos e pobres? Para explicar isso é necessária uma

¹¹ A leitura do filósofo sul-coreano sobre o poder perpassa uma vasta e complexa relação com pensadores da filosofia ocidental e europeia. Podemos pensar, a partir da Figura 2, a complexidade das relações teóricas presentes contidas nas obras do escritor e que ele vai amarrando e fundamentando-se para compor suas reflexões sobre a *psicopolítica*, tecnologia de poder e demais conceitos que são explorados nas obras de Han. Desde as concepções em Hegel de negatividade, tensão, bem como conhecimento e experiência em Nietzsche, passando por Marx quando ele aciona os conceitos de mercadoria, força de produção, capitalismo e trabalho, isso para ficarmos nos filósofos do século XIX. Além disso, percebem-se as influências de Heidegger, Walter Benjamin e Deleuze nas concepções dele sobre as relações e agenciamentos da tecnologia, dialogando com Batters, Flusser e Agamben. Mas é em Foucault que ele se inspira para essa crítica à sociedade atual, tomando emprestados conceitos e reformulando-os e, por fim, atualizando-os de forma mais contemporânea em uma leitura fluida voltada ao grande público.

compreensão adequada de como funcionam hoje o poder e a dominação (Han, 2014, p. [-]).

O que significa agir politicamente? Agir no limite entre o direito e o fato político. Assim, Han questiona a realidade social e sua forma jurídica, distingue essas duas dimensões que podem ser, muitas vezes, divergentes. O oposto do estado normal é a guerra civil que se situa em uma zona de indecidibilidade quanto ao estado de exceção. Daí o processo de poder de fato, tendo os aspectos do capitalismo e as ações de produção e desenvolvimento de trabalho em que transforma o público em privado. Para Han (2015), em oposição ao olhar do “Estado de Exceção”, surge a normatização positiva (autossugestão) que está para além da potência negativa (repressiva). Hoje, o soberano age por ser admirado, seu poder é silencioso, um silêncio absoluto e que age com a comunicação: “A comunicação de poder reduz consideravelmente o ruído e o barulho, ou seja, a entropia comunicativa.



Fonte: Elaborada pelo autor.

Assim, a palavra de poder elimina repentinamente o barulho que se infla. Ele produz um silêncio, a saber, o espaço para ações” (Han, 2018c, p. 17). O que se tem não é mais uma passividade inflamada, mas uma atividade de compreensão e uma real sedução em vigilância sem repressão, formadas por metas, por voluntariado padrão, sem a percepção dos grilhões. Assim, destaca-se a questão das relações de poder que encerram as perspectivas do digital: os *big data*, os *enxames*¹³ e a governança algorítmica.

¹² Para uma cartografia do pensamento de Han, levando em conta as influências dos filósofos que inspiram o autor, seriam necessários diversos trabalhos especializados em cada um desses pensadores, o que levaria tempo e espaço que fogem do escopo deste texto.

¹³ O conceito de *enxame* advindo da biologia tem um sentido de aglomeração, e, sob um primeiro olhar, parece caracterizar fenômenos “desordenados” de alguns insetos sociais, mas que seguem uma programação biológica de sobrevivência. Tal ideia se aplica na análise das relações na sociedade atual que é direcionada a partir de um agenciamento algorítmico e plataformas. Observa-se uma espécie de reprogramação social, muito próximo ao comportamento dos insetos em *enxames*. Todavia, a ordem de

Não podemos nos recusar a fornecê-los: uma serra também pode cortar cabeças. É preciso ajustar o sistema: o *e-book* foi feito para que eu o leia, não para que eu seja lido através de algoritmos... Ou será que o algoritmo agora fará o homem? Nos Estados Unidos vimos a influência do Facebook nas eleições... Precisamos de uma carta digital que recupere a dignidade humana e pensar em uma renda básica para as profissões que serão devoradas pelas novas tecnologias. (Han, 2018b, p. [--]).

A lógica da vigilância algorítmica leva ao esgotamento e não ao ócio criativo, porque não é permitido o tempo da reflexão, mas se leva ao estresse máximo, ao tempo de uma sociedade do cansaço que produz tédio em larga escala. Para sobreviver, deve-se agir como em uma selva com a atenção mediada de indivíduos “hiperativos e hiperneuróticos” (Han, 2015, p. 44). Se não for assim, não há acoplamento na sociedade, ou seja, é a ideia do vagabundo ou do idiota, cínico único capaz de escapar dessa lógica.

Assim, a sociedade do cansaço é uma sociedade proativa de pessoas doentes com seu miasma de autocobrança e autofiscalização. Daí o desempenho como mecanismo positivo do domínio em esgotamento excessivo que retira a vitalidade e se torna criador de mortos vivos apáticos e voluntariosos. Indivíduos singularizados em exames sem organização e sociabilidades.

Dessa maneira, cada um tem e usa uma identidade como força de expressão. É a visão empreendedora sobre a sociedade. Cada identidade é única, não soma, compete em uma faceta cruel das características sociais do humano, que se perde na transparência dos dados: “O *homo digitalis*, em contrapartida, apresenta-se frequentemente, de fato anonimamente, mas não é um ninguém, mas sim alguém, a saber, um alguém anônimo” (Han, 2018c, p. 29). Por isso, destaca-se o privado como valor supremo, a iniciativa privada como face dominante do setor econômico, e o neoliberalismo como reza fundamental da individualidade como valor ontológico estruturante: “A solidariedade desaparece. A privatização avança até a alma. A erosão comunitária torna um agir comum cada vez mais improvável” (Han, 2018c, p.33). O agir aqui é entendido como elemento característico do tempo, em uma perspectiva digitalizada, sob a supervisão do desempenho, das informações ubíquas dos modelos universais. No entanto, o universal no digital é transparente, existe no *dataísmo*, sob a fala de caráter pleno da livre circulação de informação. Por isso a contradição com o poder de fato. A necessidade de divulgar as informações vai de encontro aos processos de poder, que de alguma maneira se oculta, o verdadeiro poder é uma caixa preta e não é transparente:

Poder e informação não combinam um com o outro. O poder gosta de ocultar no segredo. Ele inventa a *verdade*, a fim de se entronar e se inaugurar. O poder, assim como o segredo, é caracterizado pela *interioridade*. A mídia digital, em contrapartida, é desinteriorizante [*entinnerlichend*]. As instâncias de poder aparecem aos caçadores de informação como barreiras para informação (Han, 2018c, p. 76-77).

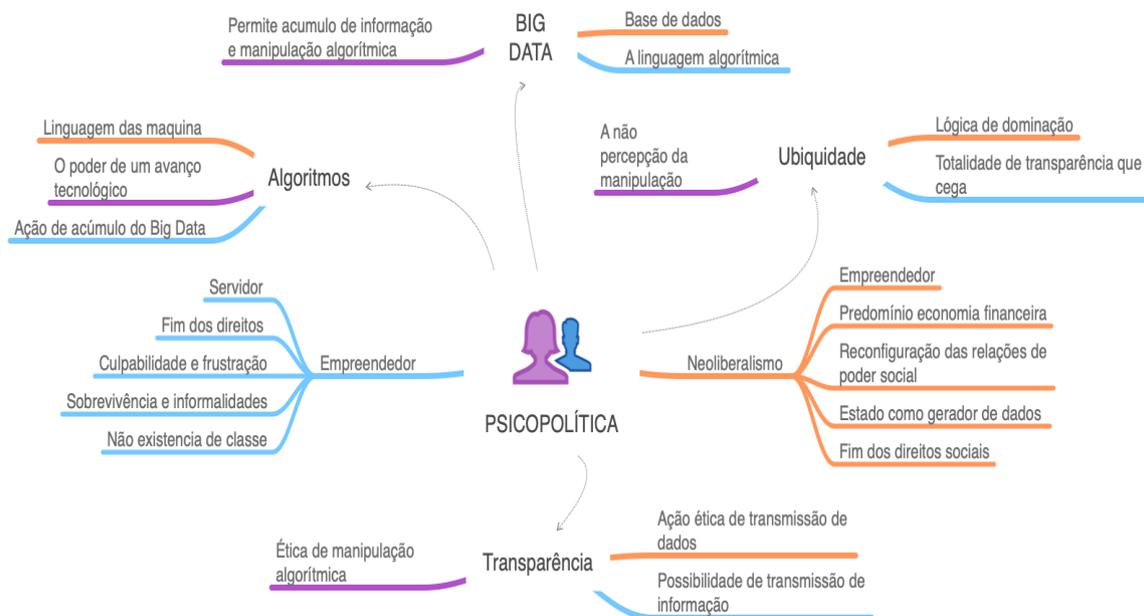
programação comportamental de forma sutil compreende uma série de artefatos técnicos expostos nas obras de Han como processos *psicopolíticos* e que não são observáveis facilmente, pois tais programações se apresentam em caixas pretas *BlackboX* nos conglomerados de tecnologias, os *big data*.

Assim, o excesso de informação parece cegar, porque as formas de comunicação são assimétricas, classificadas e hierarquizadas, e neste sentido para Han (2018c) a mídia digital é simétrica, porque impõe livre circulação de informações, clareando as esferas do poder. Ora, essas esferas iluminadas não mudam, tomam outras roupagens, transparentes, narcisistas, voluntariosas, cínicas, é o novo espelho de narciso, calcada em desempenho, em livre iniciativa, em empreendedorismo, e em neoliberalismo, em que o conhecimento é mediado por dados, a política são *performances* digitais em que essa nova política¹⁴ é uma nova roupa para as velhas formas de poder.

O conhecimento de dados aponta para um tempo dissolvido no processo do *exame-conexão*, em uma nova razão. Não tão nova de fato, mas que se mostra, assim, disposta a renovar velhas atitudes de poder, como a violência e as exclusões, mas sem o caráter explícito do Estado totalitário. Assim, o poder de fato se iluminou em ações de mando e violências, não mais com cara de carrasco, mas em um processo de satisfação positiva, reorganização, em módulos de dominação. Agora, o poder age não como uma leitura fixa em plataformas superficiais e 2D (duas dimensões), mas de forma viral, contagiante em níveis emocionais, afetivos e multidimensionais. O excesso de informação realmente modifica as características dos relacionamentos sociais. Há mais doenças, ignorância e variações das formas de existir. Daí que se pensa em camadas, formas de pensar e agir na complexidade do digital e das plataformas das redes envolvidas, por exemplo.

Essa topologia digital é viral e toma uma perspectiva de transparência, rapidez e capilaridade, o que a faz eficiente, pois abrange aceleração do tempo e desenvolve ações espaciais multidimensionais, escondendo-se nas trevas espectrais que Han vai chamar de “*Dark Pool*”, em que acontecem os fluxos financeiros ocultos que movimentam montantes fantasmas, em alta velocidade nos mercados financeiros fantasmas: “São algoritmos e máquinas que se comunicam entre si e que conduzem guerras. Essas formas fantasmagóricas de comércio e de comunicação vão 'além', como Kafka diria, 'da força humana'” (Han, 2018c, p. 100-101). São tomadas de elementos perversos e atrozés e às vezes incontrolláveis: “Ela é o mar profundo digital na rede, que se furta a toda visibilidade. Com a transparência crescente, também cresce a escuridão”. (Idem). É desse mar profundo e abissal da *psicopolítica* que emerge como uma sedutora sereia que canta e encanta no processo positivo, concede prazer e satisfação para todos. Todos os marinheiros de primeira viagem desta era.

¹⁴ “[...] a capacidade das megaempresas digitais de armazenar e analisar dados comportamentais cada vez mais íntimos dos usuários, traçando perfis que são de grande valor para entidades comerciais, campanhas políticas, governos ou qualquer um que deseje monitorar, monetizar, controlar e prever o comportamento humano.” (Pasquale, 2017, p. 18).

Figura 3 - Descrição do funcionamento da *psicopolítica*

Fonte: Elaborada pelo autor.

Considerações Finais

As obras de Han parecem realizar uma crítica ao estatuto da tecnologia, ao mesmo tempo que verificam a celebração dos avanços da inovação e das relações de poder no capitalismo atual. O dever é criticar, dado que se normaliza e normatiza, por vezes, os instrumentos de cultivo do processo neoliberal. Ora, a tecnologia é uma construção humana universal, ao mesmo tempo que ela mesma é constitutiva dos processos de humanização, relação humana e não humana, das naturezas e, portanto, possível de ser compreendida em seu estado mais primordial, as diversas como agências dos artefatos em associação com a humanidade.

Entender isso é saber que não se deve desmerecer as relações políticas decorridas do uso das tecnologias. No entanto, “é preciso estar atento e forte”¹⁵. Pois na atual etapa de relação social e econômica, no atual capitalismo, pode-se crer no paradoxo: a tecnologia é constructo cada vez mais necessário para superar as demandas surgidas na história social dos povos, mas, quando associada ao neoliberalismo, é uma caixa de pandora de onde saem diversas tragédias e infernos.

Essas demandas trágicas também indicam que precisamos de chaves de leitura dessa realidade posta sobre esse tema. Daí, a partir de um engajamento teórico-metodológico, não devemos aceitar tão facilmente a *psicopolítica* e o *psicopoder* agenciados pelo neoliberalismo. Devemos ter o entendimento da lógica neoliberal e das franjas que abrangem esses regimes contemporâneos, seus rendimentos nesse mecanismo de

¹⁵ Trecho da música "Divino, Maravilhoso" composta por Caetano Veloso e Gilberto Gil, em 1968, e notabilizada com a interpretação de Gal Costa.

dominação de poder e de manutenção da ordem capitalista cruel, em que as pessoas se escravizam, sem perceber-se servas do processo de produção cada vez mais injusto.

Assim, a filosofia de Han nos alerta como grande compositor de melodias dissonantes contra uma tendência de aceitarmos as coisas postas. O desafio é viver no mundo atual e superá-lo criticamente, buscando alternativas de pensamentos ao *psicopoder* que se avizinha tão íntimo de cada um de nós.

Referências

- ANDERSON, Chris
(2008). *The end of theory: the data deluge makes the scientific method obsolete*. In: Wired. [Consult. 19-05-2019]. Disponível em: <http://www.wired.com/2008/06/pb-theory/>
- ANDRADE, Rodrigo de O.
(2017). Os desafios na academia. In: *Revista FAPESP*. [Consult. 11-10-2019]. Disponível em: <https://revistapesquisa.fapesp.br/2017/12/28/dis-turbios-na-academia/>
- BARRECHEGUREN, Pablo.
(2018) *O doutorado é prejudicial à saúde mental*. In: El País. [Consult. 10-10-2019] Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2018/03/15/ciencia/1521113964_993420.html
- FOUCAULT, Michel.
(2003). *A ordem do discurso*. São Paulo: Edições Loyola, 2003.
- HAN, Byung-Chul.
(2014). Por que hoje a revolução não é possível? In: *El País*. [Consult. 20-10-2019]. Disponível em https://brasil.elpais.com/brasil/2014/09/22/opinion/1411396771_691913.html
- (2015). *Sociedade do cansaço*. Petrópolis: Vozes.
- (2017). *Sociedade da transparência*. Petrópolis: Vozes.
- (2018a). *Psicopolítica - o Neoliberalismo e as novas técnicas de poder*. Belo Horizonte-Veneza: Ed. Âyiné.
- (2018b). *Byung-Chul Han: "Hoje o indivíduo se explora e acredita que isso é realização"*. [Entrevista concedida a] Carles Geli. El País, Barcelona, v. [--], n. [--], p. [--]. [Consult. 10-10-2019]. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2018/02/07/cultura/1517989873_086219.html
- (2018c). *No enxame: perspectiva do digital*. Petrópolis: Vozes.
- KRAUSS, Lawrence M.
(2004). Perguntas que Atormentam a Física. In: *Scientific American Brasil*. São Paulo. ano 03. n. 28. pp.86-89.
- PASQUALE, Frank.
(2017). "A esfera pública automatizada". *Líbero*. v. 20, n. 39, pp. 16-35 [Consult.07-04-2019]. Disponível em: <http://seer.casperlibero.edu.br/index.php/libero/article/view/866/832>
- TELES, Edson.
(2018). "Governamentalidade algorítmica e as subjetivações rarefeitas*". *Kriterion*, Belo Horizonte, v. 59, n. 140, pp. 429-448. [Consult. 16-11-2019]. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-512X2018000200429&lng=pt&nrm=iso
- WEBER, Max.
(2000). *Economia e Sociedade*. Brasília: Editora Unb.

Recebido em

abril de 2023

Aprovado em

novembro de 2023